



GHAFOURI, Alireza. Investigações recentes sobre a epopeia persa. A questão das fontes em *Chahnameh* de Ferdowsi. Trad. Christina Ramalho. In: *Revista Épicas*. Ano 1, N. 2, Dez 2017, p. 1-10. ISSN 2527-080-X.

INVESTIGAÇÕES RECENTES SOBRE A EPOPEIA PERSA. A QUESTÃO DAS FONTES EM *CHAHNAMEH* DE FERDOWSI

RECHERCHES RECENTES SUR L'ÉPOPÉE PERSANE. LA QUESTION DES SOURCES DU *CHAHNAMEH* DE FERDOWSI

Alireza Ghafouri
Université Azad Islamique de Mashhad, Iran.¹

RESUMO: A crítica iraniana do épico está principalmente interessada no épico nacional iraniano, *Chahnameh* (*Livre des rois*) de Ferdowsi, e particularmente na questão das suas fontes, que sempre foi um ponto de grande controvérsia entre os estudiosos. De acordo com alguns, Ferdowsi tinha à disposição para elaborar seu trabalho apenas um *Chahnameh* em prosa, do qual apenas se pode postular a existência e a qual conhece sob o nome de *Chahname-ye Abû Mansûrî*. Outros, sob a influência das teorias da oralidade de Milman Parry e Albert Lord, dão por certo a oralidade das fontes. Um terceiro grupo de pesquisadores, que pode ser considerado moderado, não rejeita nenhuma dessas duas teorias e acredita na coexistência de fontes orais e escritas na gênese de *Chahnameh*.

Palavras-chave: *Chahnameh* (*Livre des rois*); Ferdowsi; fontes épicas; oralidade.

RÉSUMÉ : La critique iranienne sur l'épopée s'intéresse avant tout à l'épopée nationale iranienne, le *Chahnameh* (*Livre des rois*) de Ferdowsi, et particulièrement à la question de ses sources, qui a toujours été un sujet de vive controverse entre les spécialistes. Selon les uns, Ferdowsi n'avait à sa disposition pour élaborer son ouvrage qu'un *Chahnameh* en prose dont on ne peut que postuler l'existence et que l'on connaît sous le nom du *Chahname-ye Abû Mansûrî*. Les autres, sous l'influence des théories de l'oralité de Milman Parry et Albert Lord, tiennent pour assurée l'oralité des sources. Un troisième groupe de

¹ Alireza Ghafouri é Professora Assistente do Departamento de Francês da Université Azad Islamique de Mashhad, Irã. Email : ghafouri@gmx.fr.

chercheurs, qu'on pourrait dire modérés, ne rejettent aucune de ces deux théories, et croient à la coexistence de sources orales et écrites dans la genèse du *Chahnameh*.

Mots-clés: *Chahnameh* (*Livre des rois*); Ferdowsi ; sources épiques; oralité.

Introdução

Herança cultural de um povo muito antigo, o *Chahnameh* (Livro dos Reis), de Ferdowsi, ocupa um lugar proeminente na literatura épica universal. A obra apresenta e glorifica, como outras epopeias, heróis humanos e sobre-humanos. Estes frequentemente têm sua origem nos mitos dos povos que lhes trazem à luz. No entanto, não devemos negligenciar o papel da história na aparência da narrativa épica. O estudo comparado de epopeias de todo o mundo mostra que as narrativas épicas estão singularmente ligadas a períodos de crise². Estas são poemas longos, ou histórias de estilo elevado, em que a lenda se mistura com a história para celebrar um herói com qualidades bem definidas e traz as aspirações de um povo em um momento específico de sua história. Esse povo encontra sua expressão apenas dentro de uma narrativa grandiosa, em que todas as imagens, por sua vez, são reais e idealizadas. Assim elaboradas, essas narrativas espalharam a grandeza cósmica do trabalho humano.

As epopeias também podem ser lidas como um espelho que reflete a identidade nacional da sociedade em que foram produzidas. É desse ângulo que olhamos *Chahnameh* na sociedade iraniana contemporânea. Com base nas mais importantes tradições mitológicas iranianas, esse grandioso épico de guerra e sabedoria foi escrito pelo poeta Ferdowsi entre o final do século X e o início do século XI. Com aproximadamente 50.000 dísticos, conta a história mais ou menos lendária do Irã, da criação do mundo e dos primeiros reis míticos, aos sassânios e à conquista do Irã pelos árabes muçulmanos.

Se lançarmos um olhar para a história da crítica literária de *Chahnameh*, veremos que a questão das fontes de Ferdowsi sempre foi motivo de controvérsia entre estudiosos. O especialista e o comentarista francês de *Chahnameh* Jules Mohl foi, sem dúvida, um dos primeiros a participar desse debate. Na sua introdução à tradução francesa do épico persa, ele argumenta que a obra baseia-se em tradições orais, preservadas em forma escrita³. Poucos anos depois, o crítico alemão Theodor Nöldeke rejeita a opinião de seu antecessor, acreditando que Ferdowsi foi amplamente inspirado por uma fonte escrita, o *Chahname-ye Abû Manşûrî*⁴. Essa

² Em sua obra **Penser sans concepts: fonction de l'épopée guerrière** (Paris : H. Champion, 2006), Florence Goyet defende a tese segundo a qual a origem da epopeia contemporânea é correlativa a uma crise política. Ela escreve na introdução: "A epopeia é um meio, e não um fim. Ela permite iluminar um assunto ainda mais confuso do que o combate bélico: a crise que sacode o mundo do público".

³ **Le Livre des Rois**, edição do texto persa em tradução francesa por J. Mohl, Paris: Imprimerie Royale, 1838-1876, 7 volumes. Reedição : Paris : Maisonneuve et Larose, 1976, ici I, VII-X.

⁴ T. NÖLDEKE. **Das iranische Nationalepos**. Berlin : 1920, p. 28, 62, 67 ; tradução persa por Bozorg Alavi : **Ĥamâse-ye Mellî-e Īrân**, Téhéran : 1327/1948, p. 29, 36, 70.

afirmação foi confirmada por Minorsky⁵, Taqîzâdeh⁶ e Qazvînî⁷. De Blois⁸ é da mesma opinião, exceto que, em seu ponto de vista, devemos falar em várias fontes escritas, e não de uma única. Mary Boyce⁹ insiste no papel das tradições orais na transmissão da lenda nacional; ela estuda os ressurgimentos dessa oralidade na literatura épica no meio persa. Ela acredita que as tradições orais desapareceram após a invasão do Irã pelos árabes¹⁰.

A partir de meados do século XX, a teoria da oralidade poética, "Oral-Formulaic Theory", formulada e elaborada por Milman Parry e Albert B. Lord, levou alguns estudiosos estrangeiros de *Chahnameh* a interpretar o trabalho de Ferdowsi como uma composição oral. Desde então, uma controvérsia feroz começou entre seguidores e detratores dessa teoria. Neste artigo, buscamos apresentar brevemente os argumentos desses viéses polêmicos, classificando-os em três grupos: os partidários de fontes escritas de *Chahnameh*, os partidários de fontes orais de *Chahnameh* e os moderados.

Os partidários de fontes escritas do *Chahnameh*

A maioria dos estudiosos do *Chahnameh* do Irã estão neste grupo. Segundo eles, a oralidade é sinônimo de mediocridade, e ver no trabalho de Ferdowsi o fruto de uma tradição oral significaria desvalorizá-lo. Para apoiar a sua tese, eles se apoiam nas semelhanças que existem entre *Chahnameh* e *Avesta*. Sintetizamos, aqui, o itinerário que eles traçam para provar a derivação da tradição épica iraniana do texto sagrado do zoroastrismo.

Após a reforma de Zoroastro, no início do primeiro milênio a.C, sob os *Achéménides* (559-330 aC), o estado iraniano sofreu uma influência mais ocidental, incluindo a influência da Mesopotâmia. Mais tarde, no século III d.C., no momento dos sassânidas, o zoroastrismo tornou-se uma religião de estado. Sentiu-se então a necessidade de se propagarem os ensinamentos do texto sagrado *Avesta* em todo o planalto do Irã. Mas, como a linguagem deste livro não era compreensível para os iranianos que viviam a oeste do reino dos sassânidas, os eruditos da época foram forçados a traduzir e comentar em meio persa todos os textos litúrgicos, rituais e mitológicos que formavam o livro sagrado¹¹. Foi assim que surgiu a chamada

⁵ MINORSKY. The Older Preface to the Shah-nama. In: **Studi orientalistici in onore de Giorgio Levi Della Vida**, 2 vols., Rome, II, 1956, p. 159-79 ; repr. 1964, **Iranica: Twenty Articles**, Tehran, p. 260-73.

⁶ TAQÎZÂDEH, H., 1921, p. 31; *ibid.*, 1362/1983.

⁷ QAZVÎNÎ, M., 1363/1984, p. 20.

⁸ DE BLOIS, 1992, p. 4-122 ; *ibid.*, 1998.

⁹ BOYCE, M. 1957, p. 36 ; *ibid.*, 2002.

¹⁰ A discussão aqui colocada se inspira largamente em M. Hasan-Abadi, 1394/2015.

¹¹ GHIRSHMAN, R. **Iran, Parthes et Sassanides**. Paris : Gallimard, 1962.

literatura *pehlevie*. Entre as obras mais importantes dessa literatura estão: *Dînkart*, *Bundahishn*, *Mînû-ye kharad*, *Jâmâsp-nâma* e, acima de tudo, *Khodâi-nameh*¹².

Graças a um *Chahnameh* homônimo, em prosa, conhecido por *Chahname-ye Abu Mansuri*, que, então, tinha à sua disposição, mas que hoje está perdido, Ferdowsi poderia introduzir, na tradição nacional, muitas narrativas heróicas iranianas que foram coletadas e inseridas em *Khodâi-nameh* por compiladores sassânidas. Grande parte do *Chahnameh* de Ferdowsi, que abrange as narrativas míticas e épicas da epopeia nacional iraniana, tem alguns pontos fundamentais em comum com a *Avesta*. A parte que começa com o reinado de Gayomart, o primeiro rei da dinastia *Pishdadi* e finaliza com o rei *kayanide* Goshtâsp, pode verdadeiramente ser nomeada de "a parte dos mitos avésticos" de *Chahnameh*. Vê-se ali o reflexo das lendas avésticas do espaço mítico *Sistân*; os príncipes daquela região, como Sâm, Zâl e Rostam, são apresentados como os vassalos, os campeões, os conselheiros de reis ou os libertadores do Irã. Muitas concepções avésticas, como a famosa dualidade de que o livro sagrado fala, foram introduzidas em *Chahnameh*. Os heróis participam da luta entre as forças do Bem e do Mal. Eles pensam que os representantes do Bem são iluminados, e os do Mal, tenebrosos. Segundo eles, a criação é uma obra do Bem, e eles se esforçam para repelir os assaltos persistentes dos representantes das forças do Mal. Eles acreditam na aniquilação final destas e, para atingir esse objetivo, nem sequer hesitam em sacrificar suas vidas, bem como as de suas famílias ou seus filhos. Os animais lendários (como Sîmorgh) e as forças do Mal (como Dîv) da *Avesta* também têm seu lugar no *Chahnameh*. O rei, neste último trabalho e no primeiro, tem autoridade sobre seus assuntos somente por causa de uma eleição divina que lhe confere o carisma real, *Farr (ah)* (*x^yarânah* avéstica), que não é nem eterno nem incondicional: o rei deve merecer a posse deste presente divino e uma vez que ele não tem mais as condições necessárias, ele o perde.

Os partidários dessa teoria sempre tentaram derrotar a ideia da oralidade de *Chahnameh*, acusando qualquer um que a apoie de ignorar ao mesmo tempo a ciência do folclore e a língua persa de dez séculos atrás. Eles acreditam que não só Ferdowsi foi inspirado por fontes escritas, mas que sua fonte principal, o *Chahname-ye Abû Manşûrî*, também foi baseado em fontes escritas. Para o M. Omîdsâlâr, a arte de Ferdowsi reside essencialmente em

¹² Il s'agit d'un mélange d'extraits des manuels d'étiquette, des chroniques élogieuses de la vie de divers rois et des catéchismes à fond moral prenant la forme de questions-réponses. Elaboré en moyen perse, cet ouvrage fut traduit en arabe vers le VIII^e siècle et devint la principale source des chroniqueurs arabes et le **Chahname-ye Abû Manşûrî**, source directe de Ferdowsi dans l'élaboration de son **Chahnameh**, cf. Khaleghi-Motlagh, "Az **Chahnameh** tâ **Khodâi-nameh**", in **Nâme-ye Irân-e bâstân**, 7^{ème} année, no 1&2, 1386/2007, p. 26-29 et 31-32 ; *ibid.*, "Chahname-ye Abû Manşûrî", in **Ferdowsî wa Shâh-nâma - sarâ'î**. Téhéran : 1390/2011, p. 110 ; Ève Feuillebois-Pierunek, "L'épopée iranienne : Le livre des rois de Ferdowsî", in **Épopées du monde. Pour un panorama (presque) général**, sous la direction d'Ève Feuillebois-Pierunek. Paris : Classiques Garnier, coll. "Rencontres", 2012, p. 146.

colocar em versos histórias encontradas em uma única fonte à qual ele não teria adicionado nada em termos de conteúdo¹³.

Como os seus mestres, os novos especialistas da tradição nacional iraniana usaram obras contemporâneas de *Chahnameh*, como, por exemplo, *Ġorar akhbâr molûk al-fors*, com a finalidade de compará-las. Encontrar semelhanças possibilitou deduzirem que ambas se beneficiaram de uma fonte escrita idêntica. De acordo com Khaṭībī, "Ferdowsi não só não se beneficiou das tradições orais, mas provavelmente foi inspirado pelo texto escrito de *Chahname-ye Abû Manṣûrî*"¹⁴. Ele deduz que este foi elaborado a partir das tradições relatadas pelos *dehqâns* (nobres proprietários de terras), mesmo que se possa aceitar que essas tradições tivessem como principais fontes o *Khodâi-nameh*, elaborado e reunido na época dos sassânidas¹⁵.

A questão que se coloca é a diferença entre as tradições que inspiraram Ferdowsi (especialmente na parte épica de *Chahnameh*) e as histórias e lendas relatadas por cronistas e historiadores que lidam com os mesmos assuntos. Para justificar essas divergências, alguns pensam que Ferdowsi poderia ter como fonte outros textos além de *Chahname-ye Abû Manṣûrî*. Segundo eles, o poeta persa teria colocado em verso tudo o que havia encontrado no trabalho mencionado, e depois, em um segundo passo, adicionado as lendas descobertas em outras fontes¹⁶. Não se negligencia o direito de Ferdowsi, como poeta e mestre de sua obra, de optar por preservar uma tradição, rejeitá-la ou dar outra versão que ele teria descoberto em outras fontes¹⁷. Segundo outros, o poeta Ferdowsi foi ele próprio um dos compiladores e autores de *Chahnameh* em prosa, o *Chahname-ye Abu Manuri*, que teria trabalhado sob a ordem de Abû Mansûr Moḥammad b. 'Abd-Al-Razzâq¹⁸.

Não é inútil mencionar aqui outra teoria que tenta justificar as divergências existentes entre o trabalho de Ferdowsi e as tradições relatadas por outros cronistas, persas e árabes. Tendo estudado e comparado vários trabalhos relatando tradições nacionais iranianas, A. Shapur Shahbazi¹⁹ estima que, antes da invasão do Irã pelos árabes, sob os sassânidas, havia três tipos de *Khodâi-nameh*: real, religioso e heróico. Este terceiro grupo, que não tinha lugar nem tribunal sassânida nem instituições religiosas zoroastristas, estava na origem de muitas das tradições nacionais do Irã, especialmente aquelas que encontram seu lugar na parte épica de

¹³ OMÎDSÂLÂR, M. *Op.cit.*; OMÎDSÂLÂR, M. Orality, mouvance and editorial theory in Shahnama studies. In: **Jerusalem studies in Arabic and Islam**, 2002/27, p. 245-282.

¹⁴ KHAṬĪBĪ, 1381/2002, p. 55 et 73. Tradução da autora para o francês, aqui vertida para o português.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ AYDANLOU, 1383/2004, p. 86 sq., 114.

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ REZÂ-ZÂDEH-YE MALAK, 1383/2004, p. 156.

¹⁹ SHAPUR SHAHBAZI, A. 1391/2002, p. 15 sq.

Chahnameh. Assim, as diferenças entre algumas das tradições de *Chahnameh*, como as lendas de Rostam, o Império Arsácido, a figura de Alexandre, etc., e as versões homólogas em cronistas e historiadores persas e árabes são justificadas²⁰.

Os partidários das fontes orais de *Chahnameh*

A maioria dos partidários da teoria da oralidade de *Chahnameh* são estudiosos estrangeiros da tradição nacional iraniana. Segundo eles, Ferdowsi confiou em lendas orais relatadas por "Gôssân" (poeta-músico persa) encontradas nos textos de cronistas árabes. Como já dissemos, foi Jules Mohl, que, de certo modo, abriu esse caminho, já em 1878. Depois vieram os estudos acadêmicos de Mary Boyce, que insistiram na transmissão de mitos e lendas persas ao longo dos séculos, bem como no papel desempenhado pelo Gôssân nesta transmissão²¹.

No Ocidente, como sabemos, a origem da teoria oral ou "*Oral-Formulaic Theory*", remonta ao trabalho dos filólogos americanos Milman Parry e seu colega Albert Lord na década de 1930. Segundo eles, as epopeias homéricas foram desenvolvidas dentro de uma tradição oral, usando um sistema de composição que permitia aos poetas [os aedos] improvisarem diretamente os versos de seus poemas na frente de sua audiência, sem qualquer recurso à escrita²². Desde o início, essa é uma abordagem comparativa, uma vez que resulta de uma aplicação ao texto homérico de hipóteses formuladas a partir do estudo de epopeias serbo-croatas. Posteriormente, essa abordagem foi expandida para outras culturas. Foi, assim, essa teoria que levou os dois especialistas americanos de *Chahnameh*, Olga Davidson²³ e Dick Davis²⁴ a interpretá-la como uma composição oral.

De acordo com Olga Davidson, Ferdowsi não só confiou na antiga tradição oral iraniana, mas também recriou a poesia oral em persa moderno. Os detratores de Davidson não a perdoaram por ousar menosprezar o papel de Ferdowsi, tratando-o como um bardo simples, argumentando que é impossível ou mesmo inútil tentar encontrar ou recriar o *Chahnameh* original, elaborado e recriado em versos por Ferdowsi: ao longo dos séculos, aqueles que o copiaram lhe deram suas próprias versões; só podemos reconstruí-lo a partir do texto que manteve o maior número de diferenças e divergências.

²⁰ Para um estudo detalhado dessas tradições sobre Rostam et e seu homólogo Esfandiyâr, cf. Ghafouri, 2013.

²¹ BOYCE, M., 2002.

²² Cf. LETOUBLON, Françoise (éd.), 1997.

²³ DAVIDSON, Olga, 1994 ; *ibid.*, 2000.

²⁴ DAVIS, Dick, 1996 ; *ibid.*, 1999.

A teoria de Olga Davidson foi violentamente contestada por estudiosos iranianos de *Chahnameh*, como Dustkhah²⁵, Matini²⁶ ou Khaleghi-Motlagh²⁷ : todos a questionaram, às vezes de forma muito violenta.

Dustkhah, por exemplo, desafia categoricamente a teoria de Davidson, assumindo que "o trabalho de Ferdowsi em termos de pensamento, arte e estilo não é comparável às canções de Gôssân, perdidas no tempo, nem com as tradições enterradas nos manuscritos dos aedos"²⁸. Ele reprova Davidson por apresentar argumentos "banais" e "infundados". Segundo ele, a pesquisadora americana cometeu um grande erro, usando a edição do *Chahnameh* de Moscou.

Dick Davis defendeu sua compatriota. Segundo ele, as alusões de Ferdowsi às fontes orais de seu trabalho respondem apenas a uma convenção retórica, bem conhecida no Oriente como no Ocidente, que busca dar mais valor ao trabalho do autor²⁹. Para tornar seu argumento mais plausível, Davis se refere a três obras de literatura medieval, cujos autores alegaram ter usado fontes antigas para elaborá-las. Mas os estudos contemporâneos questionam a veracidade desta afirmação. De acordo com o pesquisador norte-americano, Ferdowsi (bem como Chaucer, Layamon e Geoffrey de Monmouth), de fato, comprometeu-se a salvaguardar as tradições épicas de seu povo, legitimando seu trabalho por meio de fontes imaginárias. Davis acrescenta que o estilo de *Chahnameh* é o da poesia épica oral, da qual qualquer pesquisador escrupuloso poderia reconhecer o traço. Ele então lista oito argumentos que comprovam a oralidade das fontes de Ferdowsi³⁰.

Em um artigo que responde aos argumentos de Davis, J. Matini o acusa de não conhecer nem a língua persa e suas nuances, nem a natureza da tradição nacional iraniana. Para o detrator iraniano de Davis, o uso da edição de Moscou de *Chahnameh* o levou a se desviar para uma rota falsa³¹. "A teoria de Perry e Lord não se aplica a *Chahnameh*", ele escreveu, referindo-se aos episódios de *Chahnameh* que contam histórias encontradas em outras obras da literatura persa com fonte escrita. Assim, ele conclui que todos beberam da tradição escrita³².

Ao se envolver com a polêmica de Davis e Matini, Khaleghi-Motlagh defendeu seu compatriota e afirmou que a fonte de *Chahname-ye Abû Manşûrî* certamente era um texto em *pehlevi*³³. Khaleghi-Motlagh já havia escrito em algum lugar que o Gôssân cantava histórias em versos para seus ouvintes, enquanto nem o *Chahnameh* nem qualquer outra epopeia anterior

²⁵ DUSTKHAH, 1380, p. 431 sq.

²⁶ MATINI, 1377/1998, p. 401-430.

²⁷ KHALEGHI-MOTLAGH, 1377/1998, p. 512-539.

²⁸ DUSTKHAH, *op.cit.*, p. 435. Je traduis.

²⁹ DAVIS, D., 1377/1998, p. 94.

³⁰ *Ibid.*, p. 100-101.

³¹ MATINI, 1377/1998, p. 412.

³² *Ibid.*, p. 424-425. Tradução da autora para o francês aqui vertida para o português.

³³ KHALEGHI-MOTLAGH, 1377/1998, p. 512.

ou posterior ao trabalho de Ferdowsi tinham sido destinados a serem cantadas. Ele acrescenta que não só Ferdowsi não é comparável ao Gôssân, mas que o poeta épico iraniano não tem nenhum que esteja à sua altura³⁴.

De acordo com o renomado especialista em *Chahnameh*, "aqueles que procuram provar, ou melhor, impor, a teoria oral de *Chahnameh* apresentada por Olga Davidson e apoiada por M. Davis, agradará a dois grupos de pessoas: primeiro, àqueles que querem "popularizar" o *Chahnameh*, e segundo, àqueles que usam essa teoria como um meio para diminuir o valor da tradição nacional iraniana"³⁵.

É evidente que esse tipo de crítica não poderia dissuadir Davidson, Davis ou qualquer outro defensor da oralidade do trabalho de Ferdowsi. Uma das últimas tentativas de provar a quase-oralidade das fontes de *Chahnameh* é o trabalho de Yamamoto, que, analisando profundamente o épico iraniano, tentou identificar diferentes formas de narrativa oral, para demonstrar a coexistência de fontes orais e escritas no desenvolvimento do livro³⁶.

Os moderados

Os pesquisadores que podem ser inseridos neste último grupo são aqueles para quem o trabalho de Ferdowsi se baseia em fontes orais e escritas. Podemos ver figuras eminentes como D. Şafâ³⁷, M. Bahâr³⁸, J. Matini³⁹ et 'A. Zarrînkûb⁴⁰. Segundo eles, uma tradição viva de histórias heróicas (*naqqâlî*) existia entre os povos persas muito antes do Islã. Muitas das lendas e tradições também foram transmitidas à posteridade através de contadores de histórias, que tiveram a tarefa de recitar seus próprios poemas ou aqueles que herdaram de seus predecessores. Mais tarde, após o surgimento da escrita, algumas dessas tradições foram coletadas em manuscritos, entre os quais o *Khodai-nameh* sassânida, elaborado no sul da antiga Pérsia, numa perspectiva teológico-política. Após a invasão da Pérsia pelos árabes, o *Khodai-nameh* foi traduzido para persa como *Chahname-ye Abû Manşûrî*. Como já dissemos, este último trabalho pode ser considerado como sendo a base do *Chahnameh* de Ferdowsi. Ainda não deve ser esquecido que Ferdowsi também esteve imerso na literatura de contadores de histórias e, embora indiretamente, foi, sem dúvida, influenciado pela tradição oral. Portanto, o *Chahname-*

³⁴ KHALEGHI-MOTLAGH, 1372/1993, p. 32.

³⁵ KHALEGHI-MOTLAGH, *op.cit.*, p. 514-515. Tradução da autora em francês vertida para o português.

³⁶ YAMAMOTO, Kumiko, 2003. Pour une étude détaillée de l'ouvrage de Yamamoto, cf. HASAN-ABADI, 1394/2015, p. 27 *sq.*

³⁷ ŞAFÂ, D., 1333/1945; 1374/1995.

³⁸ BAHÂR, M., 1374/1995 ; 1381/2002.

³⁹ MATINI, J., 1377/1998.

⁴⁰ ZARRINKUB, 'A., 1381/2002, p. 11 *sq.*

ye Abû Mansûrî não deve ser considerado como a única fonte da obra de Ferdowsi: de acordo com essa teoria, é necessário aceitar a convivência de fontes orais e escritas na estrutura da epopeia nacional persa.

*

* *

Como pudemos ver, a questão das fontes de *Chahnameh* provocou uma feroz controvérsia entre os especialistas do gênero. Sem termos pretendido tomar partido, buscamos relatar os pontos de vista e os argumentos de cada um deles. De tudo o que precede, parece que nem os partidários do primeiro grupo nem os do segundo grupo terão êxito em convencer seus oponentes. Resulta mais produtiva uma abordagem moderada - e continuar a cavar a terra, na esperança de descobrir um dia, talvez, o tesouro que ela manteve por muito tempo oculto dentro de si.

Bibliografia

- AYDANLOU, Sadjad. Ta'molatî darbâre-ye manâbe' wa shîve-ye kâr-e Ferdowsî. In: **Nashrie-ye daneshkade-ye adabiât wa 'olum-e ensani-ye danshgah-e Tabrîz**, 47^e année, (1383/2004), p. 85-147.
- BAHÂR, Mehrdad. **Jostâr-î çand dar farhang-e Êrân**. Téhéran, 1374/1995.
- BAHÂR, Mehrdad. **Az ostûre tâ târikh**. Téhéran, 1381/2002.
- BOYCE, Mary. The partian Gosan and Iranian Minstrel Tradition. In: **Journal of the Royal Asiatic Society (JRAS)**, (1957), pp. 10-45.
- BOYCE, Mary. Gosan. In: **Encyclopaedia Iranica**, E. Yarshater (dir.), Vol. Xi, Fasc. 2, (2002), p. 167-170.
- DAVIDSON, Olga Merck. **Poet and Hero in the Persian Book of Kings**. London: Ithaca, 1994.
- DAVIDSON, Olga Merck. **Comparative Literature and Classical Persian Poetics. Seven Essays**. Costa Mesa (California): Mazda Publishers, 2000.
- DAVIS, Dick. The problem of Ferdowsi's Sources. In: **Journal of the American Oriental Society**, Vol. 116, No. 1, January-March 1996, p. 48-57 traduction persane par S. Honarmand, «Mas'ale-ye manabe'-e Ferdowsi» in *Irânshenâsi*, 10/1, (1377/1998), p. 92-110.
- DAVIS, Dick. Rustam-i Dastan. In: **Iranian Studies**, vol. 32, No. 2, (spring 1999), p. 232-241.
- DE BLOIS, François. Persian literature, Vol. V, part I, London, 1992, p. 192-259.
- DE BLOIS, François. Epics, narrative poems of legendary and heroic content. In: **Encyclopaedia Iranica**, E. Yarshater (dir.), Vol. VIII, Fasc. 5, (1998), p. 474-477.
- DUSTKHAH, Djalil. **Ĥamâse-ye Iran ; yâdmanî az farâsu-ye hézarehâ**. Téhéran: Âgâh, 1380/2001.
- FEUILLEBOIS-PIERUNEK, Ève. L'épopée iranienne : Le livre des rois de Ferdowsi. In : **Épopées du monde. Pour un panorama (presque) général**. Direction d'Ève Feuillebois-Pierunek. Paris : Classiques Garnier, coll. "Rencontres", 2012.
- GHAFOURI, Alireza. **Esfandiyâr et Achille: Étude comparative**. Berlin, 2013.
- GHIRSHMAN, Roman. **Iran, Parthes et Sassanides**. Paris: Gallimard, 1962.

- GOYET, Florence. **Penser sans concepts: fonction de l'épopée guerrière**. Paris: H. Champion, 2006.
- ḤASAN-ABADI, Mahmood. Shafâhî yâ katbî. In: **Jostârâhâ-ye adabî**, no 188, Bahâr, (1394/2015), p. 15-48.
- KHALEGHI-MOTLAGH, Djalal. **Gol-e ranjha-ye kohan**. Téhéran: Markaz, 1394/2015.
- KHALEGHI-MOTLAGH, Djalal. Dar pîrâmûn-e manâbe'-e Ferdowsi. In: **Irânshenâsi**, 10^e année, automne, no 3, (1377-1998), p. 512-539.
- KHALEGHI-MOTLAGH, Djalal. **Sokhanhâ-ye dîrîneh**. Téhéran: Afkâr, 1381/2002.
- KHALEGHI-MOTLAGH, Djalal. Az Chahnameh tâ Khodaî-nameh. In: **Nâme-ye Irân-e bâstân**, 7^{ème} année, n° 1&2, (1386/2007).
- KHALEGHI-MOTLAGH, Djalal. Chahname-ye Abû Manşûrî. In: **Ferdowsî wa Shâh-nâma - sarâ'î**, Téhéran, (1390/2011), p. 109-115.
- KHAṬĪBĪ, 'Abolfazl. Yeki nâma bud az gah-e bâstân. In: **Nâme-ye Farhangestân**, Ordîbehesht, no 19, 1381/2002, p. 50-73.
- LÉTOUBLON, Françoise. **Hommage à Milman Parry. Le style formulaire de l'épopée homérique et la théorie de l'oralité poétique**. Amsterdam: Gieben, 1997.
- MATINI, Djalal. Darbare-ye mas'ale-ye manâbe'-e Ferdowsi. In: **Irânshenâsi** 3/10, 1377/1998, p. 401-430.
- MINORSKI, Vladimir Fed'orovich. The Older Preface to the Shah-nama. In: **Studi orientalistici in onore de Giorgio Levi Della Vida**, 2 vols.. Rome, II, (1956), p. 159-79 repr. 1964, Iranica: Twenty Articles, Tehran, p. 260-73.
- NÖLDEKE, Theodor. Das iranische Nationalepos. In: **Grundriss II**, p. 130-211 ; nouv. éd., Leipzig, 1920 traduction persane par Bozorg Alavi : Ḥamâse-ye Mellî-e Īrân, Téhéran, 1327/ 1948.
- OMÎDSÂLÂR, Mahmood. **Jostarha-ye shahnameh-shenâsi wa mabâheṭ-e adabî**. Téhéran, 1381/2002.
- OMÎDSÂLÂR, Mahmood. Orality, mouvance and editorial theory in Shahnama studies. In: **Jerusalem studies in Arabic and Islam**, (2002/27, 2002), p. 245-282.
- QAZVÎNÎ, Mohammad. Moqadama-ye qadîm-e Shâh-nâma. In: **Bîst maqâla-ye Qazvîni**, Téhéran, Donyâ-ye ketâb, vol. 2, (1363/1984), p. 5-29.
- REŻÂ-ZÂDE-YE MALAK, Rahim. Dîbâča-ye Chahname-ye Abû Manşûrî. In: **Nâme-ye Anjoman**, no 13, Bahâr, (1383-2004), p. 121-166.
- ŞAFÂ, Ḍabîḥ-Allâh. **Ḥamâsa-sarâ'î dar Īrân**. Téhéran: Amîr Kabîr, 1333/1945 .
- ŞAFÂ, Ḍabîḥ-Allâh. Naẓari be ma'âkheḍ-e chahnameh wa dîgar Ḥamâsehâ-ye Mellî. In: **Namîram az în pas ke man zendeam**. Téhéran, (1374/1995), p. 47-55.
- SHAPUR SHAHBAZI, Alireza. On the Xwadây-nâmag. In: **Iranica Varia: Papers in Honor of Professor Ehsan Yarshater**, Acta Iranica 30, Leiden, 1990, p. 208-29 ; traduction persane par M. Ḥasan-Abadi, "darbâr-ye Khodaî-namak", Pâj, première année, no1, printemps, (1391/2002) ,p. 8-34.
- TAQÎZÂDEH, Ḥassan. Mashahir-e sho'arâ-ye Īrân: Ferdowsi. In: **Kâveh**, 2e année (nouvelle série), no 12, (1921), p. 17-33.
- TAQÎZÂDEH, Ḥassan. Shâh-nâma wa Ferdowsî. In: **Hazâra-ye Ferdowsî**. Téhéran, 1362/1983.
- YAMAMOTO, Kumiko. **The Oral Background of Persian Epics : Storytelling an Poetry**. Leiden: Brill, 2003.
- ZARRÎNKÛB, 'Abdolḥosseïn. **Nâmvarnâme, darbâre-ye Ferdowsi wa Chahnameh**. Téhéran: Sokhan, 1381/2002.